

Hip Hop Carioca

Luisa Pitanga



Fábio Ema

ERICA CRISTINA GOMES, MELISSA RIBEIRO, MÔNICA COUTINHO E RUTH CAROLA MITRANY

A música de protesto acabou? Quem acha que sim é porque não está antenado no que se anda ouvindo nas comunidades carentes do país e aos poucos começa a ganhar espaço, ainda que reduzido, fora dos subúrbios. Trata-se do movimento Hip Hop que, ao juntar a música (Rap), a dança (Break) e a arte plástica (Grafite), transmite uma mensagem de alto teor político social.

Hoje, mesmo que a cena carioca seja menos expressiva que a de São Paulo e Brasília, não deixa de ser importante. É grande a quantidade de jovens que se mostram interessados no Hip Hop no Rio de Janeiro. Fora da periferia, a Zóeira, festa quinzenal de Hip Hop no bairro da Lapa, reunia galeras tanto da Zona Sul quanto da Zona Norte, e lotava a casa aos sábados por mais de dois anos. O local foi recentemente vendido para uma igreja evangélica, mas a produtora Elza Cohen afirma que a festa não vai acabar e está em busca de um novo lugar, possivelmente no Centro.

Talvez por ser mais setorizado, esse movimento não seja tão representativo quanto o dos poetas da resistência à ditadura. Mas

a galera que tem na linha de frente MV Bill, AfroReggae e Planet Hemp demonstra que a música política ou de protesto contemporânea tem uma vitalidade admirável e é mais pragmática que suas antecessoras. A origem pobre desses artistas justifica sua participação social mais objetiva. Por isso, boa parte da nova geração da música de protesto se envolve diretamente em ação social. Uma música política de resultados, ainda que não tenha o mesmo impacto da geração de 1968.

"O Hip Hop é a expressão cultural de jovens pertencentes a classes sociais e étnicas, discriminadas e excluídas em diversos países".

Helena Abramo

Luiz Carlos Maciel, conhecido como o papa da contracultura brasileira – que está lançando *As Quatro Estações*, uma análise

histórica da rebeldia juvenil – lembra que a música de protesto de outros tempos foi feita pela classe média, enquanto que os compositores das classes desfavorecidas faziam música que procurasse atender ao gosto do mercado, ajustada aos valores do sistema. Assim, quando a canção de protesto surgiu, era feita pelos jovens urbanos de classe média, tanto nos EUA, com Bob Dylan, quanto aqui, com Chico Buarque e os Tropicalistas ou os roqueiros dos anos 80. "Podem ser rebeldes, mas não devido a uma necessidade vital. O fenômeno contemporâneo é que as próprias classes desfavorecidas começaram a usar a música como protesto", diz Maciel.

Por isso, a desigualdade parece ser hoje o principal alvo. O AfroReggae é antes uma ONG que uma banda. Surgiu em 1983 como um grupo que produzia um jornal sobre cultura negra. Depois da chacina de Vigário Geral, resolveu entrar na favela para desenvolver um trabalho educativo. "A coisa começou de forma natural. Ninguém era músico, nem formado em nada. Existia só um desejo muito forte vindo do fracasso nas nossas vidas pessoais combinado com nossa utopia",



Bianca Brandão

Mistério e Manguê Boy

Trecho da faixa-título do CD Traficando Informação, de MV Bill

"Seja bem vindo ao meu mundo sinistro, saiba como entrar.

Droga, polícia, revólver não pode, saiba como evitar.

Se não acredita no que eu falo, então vem aqui pra ver a morte de pertinho para conferir.

Vai ver que a justiça aqui é feita de bala, a sua vida na favela, não vale de nada.

Até os caras na praça jogando uma pelada: discussão, soco na cara, começa a porrada.

Mente criativa pronto para o mal, aqui tem gente que morre até por um Real.

E quando a polícia chega todo mundo fica com medo.

A descrição do marginal é favelado, pobre, preto.

Na favela corte de negão é careca, é confundido com traficante, ladrão de bicicleta. (...) "

conta o empresário e coordenador do grupo José Júnior. A ONG AfroReggae tem 140 funcionários na folha de pagamento e recebe patrocínios da prefeitura e da Fundação Ford. AfroReggae, a banda, tem contrato com a gravadora Universal e foi apadrinhada por "mano" Caetano (Veloso).

MV Bill, 27 anos, morador da favela Cidade de Deus, ganhou projeção nacional com a polêmica em torno de um videoclipe no qual usou soldados do tráfico reais. Mas é na favela onde ele é um verdadeiro ídolo. MV Bill afirma ter um projeto de montar cursos profissionalizantes na Cidade de Deus e é um dos fundadores do Partido Popular Poder para a Maioria (PPPomar), partido político do movimento negro. O PP-Pomar não surgiu por acaso; outra marca dessa nova música de protesto é uma forte relação com a consciência negra. "Decidi fazer música falando dessas ques-

tões raciais, de desigualdade", diz MV Bill.

Através das letras que se contrapõem à violência e ao uso de drogas, o rap, se consagra como a expressão musical e verbal do movimento. "O Hip Hop foi criado com a intenção de tirar o jovem das drogas, das brigas de gangue e centralizar a energia que seria para a violência, para a criação artística", explica Elaine Andrade, professora da USP que preparou uma tese de mestrado sobre o movimento.

O rap é uma sigla para "ritmo e poesia" (em inglês, *rhythm and poetry*). Sua história remonta às tradições orais africanas e suas manifestações nos guetos nova-iorquinos, através de versos que utilizavam as gírias dos bairros negros e contavam histórias sobre prostitutas, cafetões, brigas, entre outros temas relacionados à marginalidade. No início da década de 70, alguns artistas recupe-

raram essas tradições poéticas para falar sobre questões políticas. Eles usavam técnicas que envolviam memorização e muito improviso. Como recitavam sobre bases percussivas, se tornaram os precursores do Rap.

Nos anos 80, o Rap sofreu uma enorme popularização, tornando-se fenômeno comercial. Foi nessa época que chegou ao Brasil, infiltrando-se nos bailes black, onde outros ritmos, igualmente importados dos guetos nova-iorquinos, como o soul e o funk, já faziam sucesso. Parte da periferia brasileira decide então aprofundar o seu conhecimento sobre essa nova forma de fazer música. Identificando-se com os problemas sociais cantados pelos MC's americanos, os brasileiros começam a produzir.

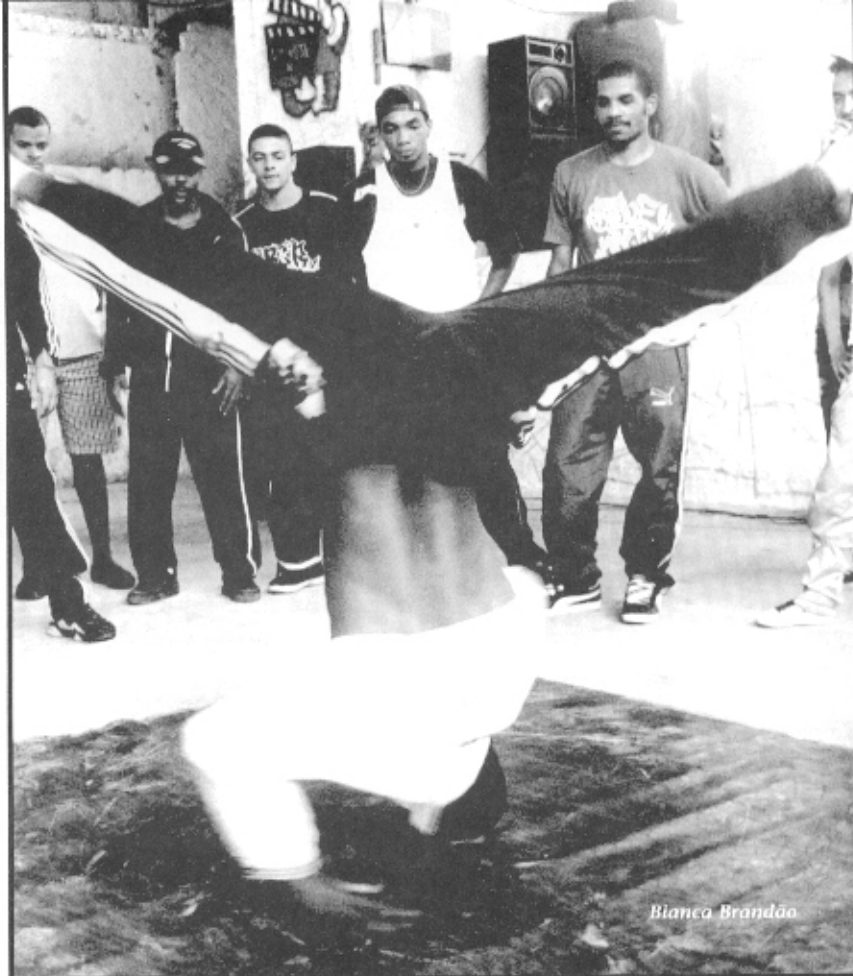
Muitas das letras que retratam os problemas decorrentes da desigualdade social e econômica fazem um apelo contra a violên-

cia e, se não encontram espaço na mídia corrente, ganham cada vez mais terreno nas rádios comunitárias, onde o protesto em forma de música encontra seu lugar de maneira mais democrática. O Hip Hop tem assim sua rede própria de difusão. Seus discos são produzidos e distribuídos por gravadoras independentes e chegam a vender meio milhão de cópias só com a propaganda boca a boca.

A poesia expressa nas letras só é efetiva quando é sentida, por isso, o movimento Hip Hop busca se consolidar como meio de recuperação, que faz com que rapazes e moças se sintam úteis e ativos na sua comunidade, deixando o vandalismo de lado e incentivando o comunitarismo. Para a socióloga Helena Abramo, "O Hip Hop é a expressão cultural de jovens pertencentes a classes sociais e étnicas, discriminadas e excluídas em diversos países".

Com o objetivo de estimular esse engajamento na população, a Gangue do Break Consciente da Rocinha (GBCR), oficina de break que se denomina do "bem", está com projeto de exportar suas idéias para outras comunidades. Como uma dança de rua, o break passou a ter seus movimentos atrelados a um significado social, ajudando a manter os jovens afastados da criminalidade.

Os dançarinos de break, ou B. boys (abreviatura de break boys), nos seus primórdios, protestavam contra a guerra do Vietnã com passos que lembravam os corpos debilitados dos soldados ou objetos utilizados no confronto. Os giros de cabeça com as pernas para o ar, por exemplo, faziam referência aos helicópteros usados



GBCR (Gangue de Break Consciente da Rocinha)

na guerra. Nos anos 80, o filme "Flashdance" e os passos de Michael Jackson, bem como outros produtos da grande mídia, tornariam o break popular em todo o mundo.

A manifestação plástica das idéias do movimento também se tornou popular através do Graffiti. Trata-se de desenhos feitos nos muros e fachadas, retratando os conflitos do povo das periferias. O Graffiti surgiu como uma forma de assinatura ou "tag". Os jovens que viviam nos guetos pichavam seus nomes, num ato que expressava uma forte necessidade de participação na sociedade. Logo foram criados códigos entre os pichadores para demarcar territórios ou dificultar a compreensão daqueles que são de fora.

A atividade evoluiu no início

dos anos 70, quando alguns pichadores criaram painéis coloridos, que passaram a ser copiados e desenvolveram um estilo. São esses painéis que os grafiteiros atuais desenham nas paredes das grandes cidades para contar as histórias das periferias e transmitir mensagens.

Só que hoje, não são mais os adeptos de James Brown, com suas calças boca-de-sino, jaquetas em cores berrantes e sapatos de salto plataforma que atentam para o significado do Hip Hop. Os simpatizantes que lotaram a rua em frente aos Arcos da Lapa, prestando solidariedade e dançando na batida do rap, durante a manifestação pró-Sinuca/Zoeira, tinham perfil bastante heterogêneo e vinham de diferentes cantos do Rio.

Algumas pessoas afirmam ter percebido um certo diálogo entre morro e asfalto. Seria lenda? Não sabemos, mas a cidade partida deve ter sido tentada pelo projeto

Hip Hop. Como alternativa ao "mundo sinistro", descrito por MV Bill, o movimento propõe que as marcas de balas nos muros sejam substituídas por graffiti, que se

ouça batidas do rap ao invés de som do fuzil, que não haja mais corpo estendido no chão, a não ser que se trate de uma manobra break. Salve, o Hip Hop!

Entrevista: **BIANCA BRANDÃO**

Bianca Brandão, 23 anos, é uma das responsáveis pelo primeiro documentário realizado sobre o Hip Hop carioca, chamado A Palavra que me Leva Além. Bianca é estudante de Ciências Sociais da UFRJ e fez um curso de Antropologia e Cinema na UERJ, através do qual conseguiu o equipamento necessário para concluir o filme, no ano passado.

Eclética - De onde surgiu a idéia de fazer um documentário sobre Hip Hop?

Bianca Brandão - Eu já pesquisava sobre juventude e as suas formas de organização e de participação política, por meio de uma iniciação científica. Sempre me interessei pela questão da música que não é produzida pelas elites. Além disso, eu ouvia as pessoas dizendo que no Rio de Janeiro só tem funk, e quis mostrar que não é bem assim.

Eclética - Como você vê a instalação do Hip Hop no Rio de Janeiro, em comparação com os outros estados?

Bianca Brandão - O mais interessante é que a sonoridade do Rio de Janeiro tem muita influência - quer queira, quer não - do samba. É verdade que o Rio tem várias escolas: tem uma linha mais ortodoxa, outra influenciada pelo funk etc. Mas, no geral, o que se produz aqui é uma coisa mais malandreada. Isso é importante no sentido de se fazer um som que seja brasileiro. E o carioca é muito criativo.

Eclética - Como foi o contato com os artistas?

Bianca Brandão - Eles foram todos muito receptivos em todas as

comunidades que visitamos, como em Vigário Geral e na Rocinha, por exemplo. Não esperávamos que quisessem falar tanto e tivessem uma retórica tão bem elaborada.

Eclética - Qual o perfil do jovem que curte Hip Hop?

Bianca Brandão - Quando comecei pesquisar, tinha a impressão de que o Hip Hop era coisa de negros que moram no morro e se revoltam contra o mundo. Hoje sei que existem pessoas que não estão dentro desse padrão, que têm o seu carro do ano e fazem faculdade. Bem como tem gente que é da comunidade e que curte também o funk e o pagode. Já os frequentadores da Zoeira são outra galera, um público muito misturado. Concordo com o Marcelo D2 quando ele diz que temos que acabar com a visão de que o povo que mora na favela é bonzinho.

Eclética - Você acha que o movimento obtém resultados nas suas propostas?

Bianca Brandão - Não acho que ocorra, no Rio de Janeiro, um movimento organizado. Acho que as pessoas estão reivindicando coisas, mas em eventos espaçados, formando uma cultura do Hip Hop, do Graffiti, do Break, mas não chega a ser um movimento.

Eclética - Você acredita que o mercado deturpa ou pode deturpar os objetivos do Hip Hop?

Bianca Brandão - Só se o artista deixar. O MVBill, por exemplo, foi para uma gravadora grande e não foi deturpado. Ele continua passando as mensagens que quer passar.

Gírias do Hip Hop

DJ: disc jockey.

MC's: mestres de cerimônia.

Beatbox: imitar diversos sons com a boca.

B. Boys: abreviação de break boys.

B. Girls: versão feminina de B.Boys.

Chegado: amigo.

Crew: grupo de Dj's, MC's ou dançarino de break.

Fazer a rima: comunicar, passar a mensagem.

Fazer a correria: realizar um projeto.

Groove: parte da música que se repete, determinando os ritmos.

Latinha: tinta spray.

Mandar um salve: mandar lembranças.

Mixer: aparelho que o Dj usa para "colar" uma música a outra.

Pick up: toca-discos do Dj.

Scratch: efeito que o Dj faz girando o disco ao contrário.

Style: a atitude dos B.boys, que se reflete no jeito de vestir, falar e dançar. Para ser um B.boy, é preciso "andar no style".

Toy: pessoa que se insere no movimento só para ganhar dinheiro, aproveitador.

Treta: confusão, briga.